

Um Jubileu ¹⁴ *do Correio Popular* ⁵ de Ouro ⁷⁷

Nair de Santana MOSCOSO

Eu, garotinha ainda, vivia na minha velha Bahia, sem imaginar que um dia, nesta Campinas que eu hoje amo e que me adotou como filha iria comemorar o Jubileu de Ouro de um dos acontecimentos marcantes da história desta importante cidade paulista: fundação de sua Associação Campineira de Imprensa, a primeira do Estado e a segunda do país.

Foi na Torre Eiffel, prédio que fica em frente do Largo do Rosário, o local da reunião definitiva em que foi resolvida a fundação dessa Associação.

O Prof. Norberto de Souza Pinto (que me foi um grande amigo, com sua família), é considerado seu fundador, e foi o seu primeiro presidente.

Se não estivesse presente entre a plêiade de jovens jornalistas de então, hoje ilustres intelectuais, disse "presente", contudo, neste dez de maio de mil novecentos e setenta e sete, em que meio século se comemora de uma entidade que vem reunindo os jornalistas de nossa cidade, com o fito de "congregar e defender a classe, promover reuniões culturais, manter intercâmbio com entidades congêneres e trabalhar pelo engrandecimento da classe".

Empolgada pelo trabalho de imprensa, que sou, desde os treze anos quando eu brincava de jornalista, "fundando na Escola Normal de minha terra um jornalzinho manuscrito, "O Normalista", feito com as minhas mãos de menina, considero uma honra, para mim que aqui vivo, conhecer e estimar vários dos que assinaram o documento precioso da história da fundação da Associação, como Benedito Barbosa Pupo, Francisco d'Otávio Filho e outros...

E entre os vários presidentes que passaram pela Associação Campineira de Imprensa desde o primeiro, e o Patrono, Quirino dos Santos alegre-me, também, que quase todos me foram amigos, como João Rodrigues Serra, João de Oliveira Toledo, João Lanaro, Braulio Mendes Nogueira, Romeu Santini, José Vilagelin Neto, Orestes Quêrcia, Luso Ventura, e, atualmente, o presidente Carlos Tôntoli, por quem tenho especial apreço. E ainda uma estima intelectual pelos demais presidentes Solon Borges dos Reis, Paulo Pompeu, Gonçalo Gonçalves, Saulo Amaral Santos e Egberto de Campos Maia.

E durante cinquenta anos, essa realidade vem sendo vivida pelos jornalistas de Campinas com sua biblioteca especializada "Antonio Franco Cardoso" (o velho Cardosinho) e seus ideais estampados nas fisionomias daqueles que já partiram e cujas fotos figuram em uma "Galeria da Saudade".

A realidade dessa Associação dos Jornalistas de Campinas vem sendo através dos anos, por eles vividas, com suas lutas, suas reuniões, seus muitos encontros culturais e sociais, em vários locais da cidade.

É verdade que já existiu uma modesta sede que conheci, quase em ruínas e outra, de dimensões demasiadamente acanhadas, (hoje ambas demolidas), onde, muitas vezes as reuniões precisavam estender-se pelo quintal e pela varanda da frente, às vezes com um tempo não muito bom e com um ventinho cortante...

Embora tivessem acontecido em ambas magníficos encontros dos jornalistas, em qualquer setor, além do calor humano com que eram realizados, urgia, todavia, uma casa mais condigna para uma classe que merece ser louvada, dada a sua importância nos meios de comunicação, pois dentre as maravilhosas invenções da técnica, destacam-se, na importância, às que se referem ao espírito humano...

"As aves do céu têm o seu ninho e a raposa, o seu covil...".

Eis que agora, após luta interminável e todo o idealismo dos seus dirigentes, alguns dos quais já não pertencem ao número dos vivos, um moço jornalista — o atual Presidente — prosseguindo na luta, com espírito de sacrifício e de persistência incomum, derrubando tijolos velhos e erguendo tijolos novos, vai concretizar o velho sonho de uma Casa do Jornalista, com maiores e melhores condições para o desenvolvimento de suas importantes atividades.

E hosanas cantemos a esse Presidente da ACI, tão comunicativo, tão atencioso e tão simples, que a gente, não obstante os seus múltiplos títulos, inclusive o de Redator Secretário desta folha prestigiosa, não acha jeito de chamá-lo de "dr. Tôntoli", mas, familiarmente, de "Carlito"...

E com a sua proverbial modéstia, é óbvio que ele não aceita os louvores pessoais, pois afirma o quanto vem recebendo no sentido de ânimo e apoio de todos os seus companheiros jornalistas e de sua preciosa diretoria, empolgados pelo evento; entre eles o amigo Francisco Soares, que nos contagia com o seu entusiasmo.

No dia 15 do corrente, à rua Barreto Leme, 1973-1979, embora ainda em construção, no local da velha sede demolida, a Associação Campineira de Imprensa estará realizando a sua assembléia geral ordinária no prédio, cuja inauguração parcial constitui uma primeira etapa desta vitória, marco emocionante — tenho certeza — nas suas vidas de profissionais da Imprensa. E não somente daqueles que sonharam juntos há cinquenta anos atrás a fundação da Associação de Imprensa, mas, mas também de nós outros, que aqui viemos ter um dia, mas que não somos mais forasteiros, e ainda, dos mais jovens homens e mulheres de Imprensa, que uniram os seus ideais aos dos mais velhos. Esquecer não podemos aqueles que, sem serem jornalistas, são associados da Associação, ou amigos da Imprensa, colaborando com Carlito Tôntoli, para sede condigna que teremos.

Carlito Tôntoli lutou, planejou, multiplicou-se e conseguiu que outros se multiplicassem, dividiu-se e fez outros dividirem-se...

E cantando loas para essa marcante realização, cantemos, também loas aos meios de comunicação social, que rasga caminhos novos entre os povos, promovem diálogo entre os homens, na ânsia de entendimento, que leva o homem a deixar de ser solitário e triste entre a multidão bulhosa e alegre.

Sem falar do Cinema, do Rádio e da Televisão, quero hoje aqui e nesta data do Jubileu de Ouro da Associação, referir-me à Imprensa: **forjica a guerra — desgraçadamente — mas promove a paz, felizmente. Movimenta os indivíduos, comove as multidões, firma ou abala os próprios alicerces da humanidade inteira.**